

China e dá opa'

as relações
mais asiático



Foto: Everaldo Silva

O filósofo e cientista político José Augusto Guilhon Albuquerque, fellow do Centro de Estudos Avançados da Unicamp: "Não se pode dizer que exista uma parceria estratégica propriamente dita com a China"

rialista', mas se daria mal. O papa, que não tem nenhum investimento lá, e a Espanha, que tem investimentos, conseguiram muito mais que o Brasil em termos de direitos humanos, influenciando na política interna. E por que o Brasil não influi? Porque não quer. Se quisesse, influiria, pois desde quando o regime militar reatou as relações diplomáticas, o Brasil vinha sendo a única porta aberta a Cuba no continente. E havia uma expectativa de todos os países latino-americanos de que seria pela mão do Brasil que Cuba voltaria, digamos, ao convívio do continente. Isso não aconteceu porque o Brasil, de certa forma, nem quis tentar.

JU – E quanto aos vizinhos de baixo, Dilma deve manter uma relação mais fria, por exemplo, com a

Venezuela de Chaves?

José Augusto Guilhon Albuquerque – Talvez não seja questão de uma relação mais fria, mas existe no continente uma expectativa – a não ser nos países da Alba [Alternativa Bolivariana para as Américas] – de que o Brasil seja uma espécie de moderador da Venezuela, que possa conter os exageros do presidente Chaves e dar um sentido mais positivo para a política regional, desempenhando o papel de diminuir conflitos, como por exemplo, entre Colômbia e Equador. Mas não se consegue isso sem fazer alguma forma de pressão. Quando se pede a um país amigo para interceder, é justamente por ser amigo que esse país deve interceder. Acho que o Brasil tem desempenhado, com relação à Venezuela, uma política de observador neutro. Mas se quer ter

Foto: Alan Marques - Folhapress



...han, no Palácio do Planalto, no último dia 13 de fevereiro: ...io tem a política externa como prioridade

um papel de liderança na América do Sul, tem que tomar posições. Ninguém lidera esperando todos falarem para dar a sua palavra no final.

JU – Em outra entrevista, o senhor disse que o Mercosul está sofrendo de paralisia. Esse acordo tem futuro?

José Augusto Guilhon Albuquerque – O Mercosul está paralisado e a paralisia continua, quando o problema precisa ser encarado de frente: admitir a paralisia, diagnosticar o porquê e tentar contorná-la. Entretanto, o que tenho visto ultimamente, é que todas as propostas que aparecem são para dinamizar o Mercosul, como se ele já estivesse numa velocidade de cruzeiro. Isso não cola. Para dar uma arrancada, é preciso ligar o motor de arranque, não adianta colocar em quinta ou sexta marcha porque o carro não sai do lugar.

JU – E nas relações com os Estados Unidos, vê mudanças?

José Augusto Guilhon Albuquerque – As relações em geral são boas. Nunca foram tão boas. Também nunca houve atritos tão grandes em alguns momentos, justamente porque são próximos: dois irmãos brigam mais do que quaisquer outros, brigam no dia a dia, sobretudo quando jovens – e são dois países jovens. Acho que as relações não são melhores por culpa dos dois: os Estados Unidos não sabem explorar bem a sua relação com o Brasil e vice-versa. As relações seguem a linha da menor resistência, da inércia. A inércia é grande porque o Brasil decolou nos anos 90 e pode subir mais. Já os Estados Unidos estão praticamente sem crescimento, mas o volume estagnado é tão significativo que, mesmo que continue nesse passo, vai levar mais vinte anos para o

país declinar. E eles continuam tendo a força de decolagem e um crescimento de 1%, que seja, é muito crescimento em relação ao Brasil. Algo análogo ocorre com a China, que se passar a crescer 3% ao ano, todos acharão uma catástrofe; mas a China crescer 3% é muita coisa.

Acho que a presença do Brasil no mundo é tal, que os Estados Unidos não podem mais nos ignorar. O Brasil tenta ignorar os Estados Unidos, faz um esforço terrível para isso, mas não pode, ainda. A Europa está decadente, numa sinuca de bico, mas também não podemos esquecer a e olhar para o outro lado. Não podemos esquecer a África. Não deveríamos esquecer a África, mas vamos continuar esquecendo, a meu ver, durante mais algum tempo. A África do Sul ganhou importância do ponto de vista político, mas do ponto de vista comercial tenta um acordo de livre comércio com o Brasil há 10 ou 15 anos e a coisa não anda. Acordo que o Brasil poderia firmar, se quisesse.

JU – O Brasil e os outros emergentes realmente vão ganhar mais peso nas negociações internacionais?

José Augusto Guilhon Albuquerque – Veja o que antes acontecia: as últimas crises do final do século passado e início deste século foram provocadas em países em desenvolvimento e solucionadas a partir dos países desenvolvidos. A solução veio de lá. Dos Estados Unidos vieram vários planos para resolver a crise asiática, depois a mexicana, depois a russa, depois a brasileira, e eles é que ajudaram a equilibrar a conta, sendo o FMI o grande ponto de referência.

Hoje o FMI não é mais a referência porque a crise começou nos países grandes. E de tal maneira que, sem a

participação dos países emergentes, essa crise não seria equacionada – ainda não está, mas muito do que se atenuou da crise precisou do apoio dos emergentes. Vamos ver o que acontece com a crise do euro. Se houver uma depressão global, tal como está se anunciando, e se os países emergentes não souberem se proteger previamente, como a China está fazendo, então pode ser que essa debacle atinja os países em desenvolvimento: a Índia está com uma inflação muito alta, na China ela está caindo e no Brasil fica nesse sobe e desce, ninguém sabe para onde vai.

JU – E como o senhor acha que o Brasil vai reagir?

José Augusto Guilhon Albuquerque – Só Deus sabe. O problema é que não há transparência. Quando o governo brasileiro fala sobre a crise, fala como se estivesse numa campanha eleitoral. Nunca se sabe exatamente o que está sendo feito e o que se vai fazer. O ministro da Fazenda anuncia um crescimento de 5% e temos 0,5%, é uma brincadeira. Especialistas da área de juros acompanham tudo em detalhes, como se fossem sinólogos antigos: já que ninguém entende o que está escrito, ficam interpretando cada ideograma. Uns interpretam para mais, outros para menos, mas nada é transparente, nem o que se diz é o que se faz. Sinceramente, é difícil dizer como o Brasil vai reagir, precisamos de um sinólogo da economia.

JU – O senhor é um otimista em relação ao Brasil?

José Augusto Guilhon Albuquerque – Acho que ninguém sobreviveria no Brasil sem ser otimista. Sou otimista em relação ao Brasil, sou pessimista em relação à política brasileira.

QUEM É

José Augusto Guilhon Albuquerque é bacharel em Filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), mestre e doutor em Sociologia do desenvolvimento pela Université Catholique de Louvain, livre-docente em Ciência Política pela USP – onde fundou e dirigiu o Departamento de Ciência Política e o Núcleo de Relações Internacionais. Professor titular aposentado da USP, atualmente é também diretor da Sociedade Brasileira de Estudos das Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet).

Guilhon Albuquerque é comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, comendador da Ordem do Ipiranga, oficial da Ordem do Mérito da Defesa e detentor do Prêmio Marcus Garvey de Pesquisa da OEA. Foi professor visitante na Cátedra Jacques Leclercq (Louvain), na Georgetown University, na Cátedra Brasil da Universidade Central de Venezuela, titular da Cátedra Rio Branco e Visiting Fellow no Royal Institute of International Affairs (Chatham House – Londres).